

A recepção da obra *S.*: um mar, um navio e diversos caminhos

The reception of work *S.*: a sea, a ship and various ways

Luciéle Bernardi de Souza¹
Magali de Moraes Menti²

Resumo: O presente trabalho procura compreender a recepção da obra literária *S.* (2015), de J.J. Abrams e Doug Dorst, materializada em diversos caminhos de leitura criados e escolhidos por leitores. A hipótese que permeia a argumentação é a de que a obra desestabiliza o leitor acostumado a uma leitura linear, e a pergunta norteadora questiona quais são os caminhos de leitura criados. Para compreender a recepção de uma obra tão singular em seu suporte, foi priorizado o relato de experiência de leitura de alguns leitores em um grupo de *Facebook* criado para comentar a obra. A análise dos dados do ambiente virtual ocorreu juntamente com a relação estabelecida entre conceitos advindos de pensadores e pensadoras como Jauss, Iser, Souza, Lois, Zilberman, dentre outros. Priorizando os aspectos subjetivos da recepção e o que o leitor disse, pode-se compreender mais sobre o leitor empírico de *S.*

Palavras-chave: Leitor. Leitura. Suporte-livro.

1 Introdução: preparando-se para a viagem

Esta viagem começou no ano de 2015, quando tive o primeiro contato com a obra *S.*, recém lançada aqui no Brasil. Por apresentar um suporte diferente das obras que habitualmente estão presentes no mercado editorial, *S.* vai além de um livro comum, potencializa diferentes leituras e gera estranhamento por parte de alguns leitores. Polissêmica como toda obra de arte, esta parece explicitar possibilidades de leitura, interpretação e brincar com o horizonte de expectativas do leitor contemporâneo, provocando a sensibilidade do mesmo e propondo uma mudança na maneira de ler um livro.

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e licenciada em Letras Português pela mesma instituição. Especialista em Teoria e Prática da Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

² Orientadora, possui mestrado e doutorado em Letras/Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-2003/2006). É professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

Dito isto, o objetivo geral deste trabalho foi compreender quais os caminhos da recepção³ da obra por um grupo de leitores no ambiente virtual, na rede social *Facebook*. Rastreei, através da fala dos receptores da obra, quais os caminhos de leitura formulados pelos leitores de *S.*, relacionando a forma material e discursiva da obra com a sensibilidade do leitor contemporâneo.

Como toda viagem tem uma justificativa, não seria diferente aqui. Justifico a partida por acreditar, enquanto pessoa e profissional, que a compreensão de nós mesmos pode também ser buscada na recepção de obras de arte contemporâneas, como é o caso da obra literária *S.* (2013). Mesmo de maneira pontual, procurar na manifestação sensível da recepção, respostas sobre uma elaboração estética, faz sentido para compreender nosso mundo e como obras de arte são necessárias no nosso dia a dia enquanto uma fabulação que pode ser potencializada através de seu suporte. Também justifico o navegar por este tão vasto mar, a possibilidade de poder saber um pouco mais sobre o que e como lê o leitor empírico brasileiro, leitor de carne, osso e sentimento.

A metodologia corresponde ao como, de que maneira tentei chegar aos objetivos. Delimitei a pesquisa como qualitativa, calcada na descrição dos dados coletados e agrupados em categorias. Descrevo os passos seguidos para a concretização deste trabalho: leitura da obra e reconhecimento de diferentes maneiras de lê-la, coleta dos dados no grupo virtual, descrição, agrupamento dos dados coletados em categorias e interpretação mesmos.

A coleta dos dados ocorreu em um ambiente muito cotidiano e presente em nossa sociedade: a internet. Rastreei a recepção de alguns membros em um grupo de *Facebook* (www.facebook.com), grupo onde há o compartilhamento de dúvidas, angústias e alegrias suscitadas pela obra. Também foram analisados os comentários de uma postagem⁴ da Editora Intrínseca divulgando o livro em sua página oficial no *Facebook*.

Tendo em vista uma metodologia qualitativa, a análise dos enunciados é importante porque, neste ambiente, não é ignorada a mobilização sensível de cada um dos discursos

³ Compreendo recepção dentro marco teórico da Estética da Recepção, principalmente pensado pelo teórico Jauss, em que o leitor é o centro de uma proposta metodológica que visa compreender a percepção da forma literária e como isso ocorre sem determinismos.

⁴ Disponível em: < <https://www.facebook.com/EditoraIntrinseca/videos/10154948290125579/>>. Acesso em: 3 de nov. 2016.

analisados. Como *S.* está sendo lida? Quais as principais impressões que suscita? O suporte da obra gerou quais perguntas? São questionamentos que norteiam este trabalho e serviram para compreender um pouco mais da conformação da sensibilidade e da experiência de leitura que o sujeito contemporâneo suscita.

Tentar compreender a recepção desta obra tão complexa, repleta de ondas interpretativas, poderia me levar para mares turbulentos, por isso o auxílio de navegantes experientes como Antônio Cândido, Umberto Eco, Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Regina Zilberman, dentre outras e outros pesquisadores que refletem sobre a obra literária, a leitura, o leitor e o objeto livro, foi fundamental para esta viagem.

Saliento o uso de uma linguagem um pouco diferenciada, ou melhor, uma linguagem de acordo com o campo semântico que a obra me propôs. Como não acredito em produção humana prazerosa sem liberdade e subjetividade (mesmo dentro dos limites de um trabalho científico), optei por tentar tornar a leitura deste trabalho mais agradável e didática, utilizando termos relacionados a uma viagem no mar. Dentre os termos mais recorrentes, destaco que o leitor é um leitor-navegante, o mar é a obra *S.* (ainda por ser navegada), os caminhos ou rotas por onde o barco navegará são as possibilidades de escolha de diferentes maneiras de se ler a obra e a viagem é a construção da argumentação.

2 O porto de partida

O primeiro porto de partida refere-se à conceituação adequada para o que compreendo por arte literária, leitura, leitor e livro. Tão vasta quanto os portos do planeta, tal revisão bibliográfica não pretendeu conceituar o já conceituado, mas mostrar para o leitor desse trabalho minha visão sobre os elementos articuladores da argumentação.

Toda arte só pode existir por ser fruto do trabalho humano, trabalho que, através de diferentes instrumentos e linguagens, transforma este meio em um produto novo, polissêmico, com diferentes dimensões: sociocultural, histórica e estética, todas interligadas. Como também aponta Antonie Compagnon (2001), a arte é um mundo de possibilidades.

São obras como *S.* (2013), de J.J. Abrams e Doug Dorst, que fazem o leitor parar, pensar, repensar, confrontar-se com muitas histórias e níveis ficcionais. *S.* chama o leitor para

472 páginas de pausa instigadora, gerada a partir de um mundo ficcional. Isso é importante em dias nos quais a pausa é um gesto raro, tão raro quanto uma reflexão, que exige tempo, paciência e disposição. Além disso, sua forma, que traz uma configuração de “hiperlinks analógicos”, diz muito sobre o leitor empírico contemporâneo, que se sente atraído por imagens e ainda cultiva um gosto pelo mistério.

Lena Lois, no terceiro capítulo da obra *Teoria e Prática da Formação do Leitor* (2010), realiza reflexões em torno do conceito de literatura e sua aproximação da arte ou da pedagogia, arte ou conteúdo escolar. Categórica, afirma que “Dar utilidade para o texto literário, antes de permitir o encontro do estudante com a arte, é sabotar o leitor e desconsiderar o papel humanizador que a escola precisa ter” (2010, p.35). Portanto, a autora reafirma sua posição ao declarar que a literatura é a arte da palavra, ao mesmo tempo em que acredita na possibilidade de “se ensinar a apreciação de toda e qualquer obra de arte” (2010, p.32). Ao concordar com a autora, penso que é fundamental, durante a trajetória acadêmica, repensar como “estudar” e “ensinar” arte, ou melhor, as maneiras como, enquanto professora, sou mediadora de diferentes sensibilidades e leituras que as obras suscitam.

Antes de ser explicada, a arte deve ser sentida. No caso da arte literária, em um estudo de recepção podem-se priorizar as impressões dos leitores antes da interpretação da obra. Isso é importante se considerarmos o caráter polissêmico da obra de arte, que não se reduz a uma interpretação fechada, “verdadeira”, pois o que também a diferencia de outros textos (informativos, científicos) é sua potencialidade de significar, sua polissemia.

2.1 A concepção de leitor e leitura

O teórico Leffa, na obra intitulada *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolingüística* (1996), aponta ao menos duas definições restritas de leitura e apresenta uma terceira via, mais complexa. As duas definições restritas são apontadas como antagônicas e referem-se a “(a) ler é extrair significado do texto e (b) ler é atribuir significado ao texto. O antagonismo está nos sentidos opostos dos verbos extrair e atribuir” (1996, p.12). No primeiro caso, há uma centralização no texto; no segundo caso, há uma ênfase no leitor. Ambas as

leituras são redutoras porque não consideram o processo de interação em si, mas duas esferas separadas, o texto e o leitor. Leffa, portanto, indica uma terceira via:

É preciso considerar também um terceiro elemento: o que acontece quando leitor e texto se encontram. Para compreender o ato da leitura temos que considerar então (a) o papel do leitor, (b) o papel do texto e (c) o processo de interação entre o leitor e o texto. Na leitura, como na química, para termos uma reação é necessário levar em conta não só os elementos envolvidos, mas também as condições necessárias para que a reação ocorra. [...] O leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler. Essa intenção poder ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca de um equilíbrio interno ou a tentativa de colimação de um determinado objetivo em relação a um determinado texto (LEFFA, 1996, p.17).

A habilidade de leitura passa, ainda segundo Leffa, por um processo de metacognição. Este processo diz respeito ao processo de leitura, de monitoramento do processo de leitura (e aprendizado dele) pelo próprio leitor, e possui variáveis como a idade, o grau de compreensão da leitura, uma progressão relativa à instrução, dentre outras. Refletir sobre este processo será importante para pensar na recepção literária proposta por este trabalho. Leffa distingue o processo cognitivo do metacognitivo da seguinte maneira: “A leitura rápida e fácil, concentrada no conteúdo, é uma atividade cognitiva. A descoberta de que houve um problema e de que uma correção no rumo da leitura tinha que ser feita para recuperar o texto é uma atividade metacognitiva” (1996, p.50). Esta distinção é realizada a partir do tipo de conhecimento usado na execução de uma atividade relacionada ao processo de leitura, conhecimento dividido em dois tipos: o declarativo (que se refere à consciência do que deve ou não ser executado) e o processual. O processual, além de abarcar a consciência do que deve ou não ser feito durante o ato da leitura, inclui a consciência das escolhas tendo um fim: “O indivíduo não apenas sabe, mas sabe que sabe, ou mesmo até que ponto não sabe. É uma espécie de avaliação e controle do próprio conhecimento” (1996, p.50). Ou seja, há o uso de uma introspecção consciente, de uma reflexão sobre o pensar, processo que poderá ser vislumbrado na recepção da obra sempre que o leitor expressar uma reflexão sobre seu processo de leitura, sobre os caminhos que percorreu, ou não, na busca de uma compreensão, como muitas vezes ocorrerá nos relatos de recepção de S.

É fundamental lembrar que a leitura de um texto literário é um processo complexo, que exige um preenchimento de lacunas⁵ proposto pelo autor e materializado no texto. Portanto, a leitura vai além de uma simples decodificação, compreensão e interpretação, como ocorre na leitura de um texto informativo.

Diferentemente de Jauss, que pelo viés da historiografia literária pensa o leitor enquanto um sujeito coletivo (considerando vários agentes do campo literário, como o editor, o revisor, o vendedor, etc.), Iser (1996), na obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, preocupa-se em desvendar os significados produzidos individualmente pelo leitor, significados que podem ser vários, tão variados quanto sejam os leitores. Indo além da proposição de Gadamer e Ingarden (1979), este último que relaciona a estrutura do texto (sempre incompleta) e o preenchimento “correto” de tal estrutura pelo leitor, Iser (1996) dá um passo além dos mestres e potencializa a polissemia do texto literário, de forma a respeitar a coerência da significação. Ou seja, a interpretação não pode extrapolar o que é dito de alguma maneira no texto; mas o leitor pode, de acordo com seu horizonte de expectativas, seu repertório⁶ e vivências, construir uma interpretação diferente, pois a estrutura textual, a forma, permite que o leitor aja assim, nesse constante vai e vem que é a construção do significado.

Iser (1996), portanto, vê a leitura enquanto um ato potencializador do desvendamento de um caminho que deixa vários outros abertos para que o leitor “percorra” e escolha o melhor. Através da escolha de um ou outro caminho, ele pode construir, via uma seleção (com idas e vindas), interpretações para a estrutura presente no texto, para a criação conjunta de um objeto imaginário que é a representação. A provocação do texto literário que chama o leitor para ser preenchido e interpretado se aproxima ao que Iser (1996) chama de *produtividade*. Em outras palavras, ela diz respeito a uma interação entre texto e leitor, ao agir e deixar-se agir pela estrutura textual ocorre o ato de criação, ocorre a produtividade do leitor.

⁵ Conceito proposto por Iser (1996), e entendido como os espaços em branco do texto que o leitor tem a liberdade de preencher através da sua leitura, das suas experiências, da sua sensibilidade, tornando o texto um processo singular de significação.

⁶ Refere-se ao conjunto de conhecimentos e competências leitoras que o leitor real possui, a bagagem extraliterária que traz para o encontro com a obra e, neste encontro, desconstrói muitas convenções que fazem parte do repertório. Há a modificação das convenções do leitor em relação à obra e ao mundo.

Toda e qualquer obra de arte literária só é efetivada em contato com o leitor, ou seja, no ato da leitura, portanto o leitor, além do direito à leitura, exerce papel fundamental no processo de concretização da obra de arte. Esse conhecimento, criado a partir da sensibilidade, é capaz de fazer o sujeito ressignificar a si mesmo e o mundo. Para Lois, o “saber que se desenvolve pelos sentidos é um saber que se mantém num lugar privilegiado da memória por vir de uma experiência afetiva” (2010, p.47).

Também é fundamental recuperar a concepção de leitor de Jauss (1979), pois para este autor, é a distância entre o horizonte de expectativa do leitor e o horizonte presente na leitura da obra, a expectativa criada por ela e presente no sujeito, que determinará o valor estético da obra. Quanto mais criar estranhamento⁷, mais positiva, pois melhor será quanto mais romper com o horizonte já existente. Há aqui, portanto, um exemplo de como a interação entre o texto e o leitor é fundamental para a obra se distanciar de uma obra “trivial”, de consumo qualquer.

3 O suporte

Tão importante quanto o leitor, o livro deve ser considerado em seu material linguístico e discursivo e em seu suporte, pois é essa relação entre suporte e conteúdo que, segundo a hipótese deste trabalho, faz com que o leitor estranhe a obra, transformando seu horizonte de expectativas e modificando-o, abrindo seu mundo para novas sensibilidades, alargando seu horizonte estético e modificando valores.

Não é de hoje que, além do texto em si, o contexto de edição e a própria edição ganharam um lugar de destaque nas pesquisas sobre leitura, pois repensaram o conceito de livro. Por isso, navego por alguns acontecimentos literários brasileiros (criação do livro objeto e livro de artista), bem como por processos editoriais atuais como os da Cosac Naify e da Editora Intrínseca, que criaram marcos de valorização do suporte do livro de papel ao mostrarem como a editoração e o *design* podem singularizar obras. Navegando nestas mesmas ondas questionadoras e inovadoras presentes no campo artístico a partir da década de 50, os

⁷ Aqui o conceito de estranhamento, de gerar uma impressão de desconhecimento ou mesmo mudança no horizonte de expectativas do leitor, faz parte do processo de recepção estética, e será sempre usado dentro do marco teórico da Estética da Recepção.

poetas concretistas brasileiros⁸ também repensaram o conceito de livro, principalmente os Irmãos Campos. Assim como a poesia concreta almeja ser um objeto e não um poema, o livro também queria ser algo mais que um simples livro, então adjetivos como livro-poema ou livro-objeto começaram a fazer sentido. No livro-poema, há uma relação importante entre o suporte livro, sua estrutura, sua forma, seu material. As palavras, a fonte, o tipo de papel, a tinta, o *design*, tudo está absolutamente pensado, desenhado, quantificado, montado⁹. Nestas obras há uma fisicalidade imanente, a página, mais do que nunca, faz parte do poema, o suporte como um todo é fundamental para a constituição exata do que pretende o artista, ele também participa do processo de eleição das cores, dobraduras, desenhos e da capa.

O que antes era industrial, no sentido de repetitivo, massivo e de rápida produção, agora tem um processo de produção que quer distanciar o produto final do livro de bolso, simples, e ter um *design* que o diferencie de outros livros encontrados no mercado. Além disso, pode-se pensar esta estratégia como um meio de manter o livro de papel na preferência dos leitores, “afastando-os” do *eBook*. Na contramão da produção massiva, surgem livros com uma proposta de experimentação sensorial muito forte, que possuem abundância de imagens e montagens, além de cores específicas para a página, a capa contendo outros materiais, a letra (fonte e cor) estilizada, uma diagramação diferenciada, dentre outras peculiaridades.

A Cosac Naify foi a primeira editora a inovar de forma radical o processo de fabricação de seus livros. Influenciou outras editoras, como a Intrínseca e a Companhia das Letras, a ousarem no *design*, na edição, e abdicarem um pouco da ideia do livro tradicional (isso através do uso de papel importado, cor diferenciada, assim como a mudança na tipografia, lombada, capa e miolo). Ela teve uma breve (1997-2015) trajetória no cenário editorial brasileiro, porém foi de suma importância para revolucionar o mesmo. De acordo com Luise Cristine Spieweck Fialho (2016), no trabalho *Desing comunica: o projeto gráfico nos livros da Cosac Naify*, a editora, na voz de Cosac, “aponta a digitalização do livro como

⁸ Na obra *Teoria da Poesia Concreta* (1975), lançada pela editora paulista Duas Cidades, os irmãos Campos e Décio Pignatari especificam o que foi este projeto de inovação estética e movimento que pensou o poema enquanto um objeto e salientou a importância do suporte físico na composição da obra literária.

⁹ Cito o livro-poema que se aproxima do livro de artista, como o *Poemóviles* (1974) de Augusto de Campos e Julio Plaza, o livro-poema *A Ave* (1956), de Wladimir Dias Pino, o *Livro da Criação* (1959-1960) de Lygia Pape, livros que exploram as dimensões do espaço além da folha, além do linear, pois contem figuras tridimensionais, leituras variadas.

uma razão para este estar se “coisificando”, ou seja, encontra-se aí mais um motivo para que as editoras se esmerem “não para vender mais, mas para que o livro não morra” (Fialho *apud* Cosac, 2016).

A segunda editora, editora do livro *S.*, obra em estudo neste trabalho, se autodefine como

Uma editora jovem, não só na idade- afinal foi fundada em dezembro de 2003 – mas no espírito inovador de optar pela publicação de ficção e não ficção priorizando a qualidade, e não a quantidade de lançamentos. Essa é marca da Intrínseca, cujo catálogo reúne títulos cuidadosamente selecionados, dotados de uma vocação rara: conjugar valor literário e sucesso comercial (INTRÍNSECA, 2016, s/p, site).

Afirmando a qualidade e não a quantidade, a editora Intrínseca, portanto, tem como marca a diferenciação a seleção criteriosa e qualitativa dos títulos. Vale a pena também citar o comentário quanto ao design e editoração: “À bem cuidada curadoria editorial alia-se o apuro na produção gráfica, o que transforma as edições em objetos de culto a serviço da boa literatura” (INTRÍNSECA, 2016, s/p, site). Este comentário é respaldado pela afirmação: “Temos como foco o valor intrínseco do livro – a sua inestimável importância cultural, com o objetivo de guardar, de uma forma diferenciada, um universo particular em cada título publicado” (INTRÍNSECA, 2016, s/p, site) ¹⁰.

A ousadia da editora também se objetiva em projetos de edição de textos ficcionais interativos, com uma editoração que preza por um livro diferenciado. Isso pode ser constatado principalmente em livros infanto-juvenis, como *Eu me chamo Antônio*, de Pedro Gabriel (2013); as obras de Keri Smith, como *Destrúa este diário* (2014), *Uma pergunta por dia* (2015), *Termine este livro* (2014) e *O mundo imaginário de...* (2015).

Estes livros têm em comum com *S.* a proposta de tornar o leitor participante, ativo no processo de leitura, além de explicitar uma ênfase ao suporte material da obra, que se fosse tradicional, com certeza traria outra leitura e forma de lê-la.

4 Contextualização: *S.* e o navio de tese

¹⁰ Todos os referidos comentários foram retirados da página online da Editora Intrínseca. Disponível em < <http://www.intrinseca.com.br/>>. Acesso em: 26 de nov. 2016.

S. é uma obra lançada pela editora Mulholland Books nos Estados Unidos (2013). No Brasil (2015), foi editada pela Intrínseca, embora sua impressão tenha sido realizada, quase totalmente, no além mar, na China. Viagem com 472 páginas de uma qualidade gráfica impecável e um suporte inusitado, com detalhes artesanais (como o adesivo que sela o livro e os anexos colocados página a página) que a faz, literalmente, um objeto artístico, *S.* é o nome da ficção de J.J Abrams e Doug Dorst. Ela traz em si “outra ficção”, intitulada *O Navio de Teseu* (ONDT)¹¹, escrita no ano de 1940 por um misterioso autor fictício chamado V. M Straka e trazida à tona pelo tradutor/editor também fictício F. X. Caldeira no ano de 1949. Uma obra está dentro da outra, e isso é materializado através de uma sobrecapa externa que se assemelha a uma caixa. Esta primeira capa, selada e preta, com a letra S gravada em estilo gótico, como um baú que contém um tesouro, traz os dados da obra *S.* com os autores JJ. Abrams e Doug Dorst, e reveste uma “segunda obra fictícia” que contém outra capa que lembra uma encadernação em tecido. Esta segunda (e belíssima) capa traz o título *O Navio de Teseu*, com um autor diferente e misterioso chamado V. M. Straka, além de conter a catalogação da biblioteca, a editora intitulada Sapatos Alado, o prefácio de um editor brasileiro e a característica da obra já ter sido lida e comentada por outros dois leitores (fictícios) antes de chegar até nossas casas (Figura 1). Temos em mãos, como afirma Antonio Rodhen, o caligrafista da obra, “um livro único do ponto de vista do *desing*, técnico da produção gráfica e do ponto de vista editorial”¹².

S. não é uma obra como tantas que se encontram nas prateleiras de livrarias e bibliotecas, pois vai além de um livro com páginas escritas. Ela provoca o pensamento sobre o conceito de livro, a necessidade de (re)atualizar tal conceito na contemporaneidade, problematizar a relação entre o texto e o leitor, refletir sobre o autor “multimídia” e sobre a obra de construção coletiva.

¹¹ Esta é a sigla usada pelos dois personagens-leitores para referir-se à obra, e a usarei diversas vezes, evitando usar *O Navio de Teseu* por extenso.

¹² Antonio Rodhen em entrevista para a Editora Intrínseca. Disponível em <http://youtu.be/zulS6g7_X_y>. Acesso em: 19 de dez.2016.

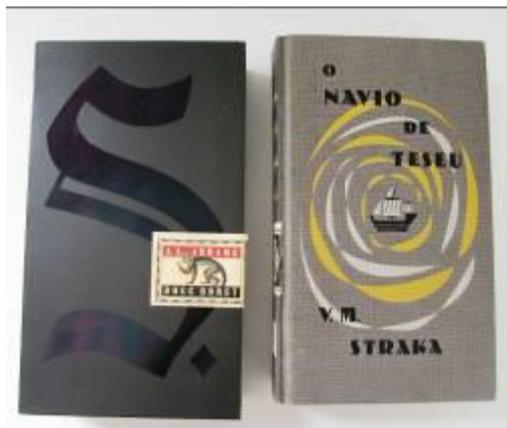


Figura 1: Sobrecapa e capa
Fonte: Elaboração própria da autora (2017)

S. contém a história do “achado” (pois estava esquecido) do livro ONDT em uma biblioteca, livro de aparência velha (folhas envelhecidas, amareladas, com marcas de um tempo passado) esquecido pelo leitor Eric, formando em Letras, e encontrado pela aluna de graduação em Letras chamada Jennifer. Os dois, no ano de 2012, às margens do que seria uma trama principal, desenvolvem uma história detetivesca sobre quem é o verdadeiro autor de *S.*, buscam compreender os inúmeros enigmas que a obra propõe e também criam uma relação de aproximação humana entre dois desconhecidos amantes das letras.

A história de *S.*¹³ também é composta pelas notas do tradutor F. X. Caldeira, encarregado de editar o livro após o desaparecimento do autor (V. M. Straka), e pelos artefatos materiais (fotos, mapas, postais antigos do Brasil, jornais, documentos, cartas, um guardanapo, etc.). Tudo isso molda uma narrativa espreada, multifacetada, conformada por uma história que contém enredos paralelos: o de um autor enigmático chamado Straka; o da obra ONDT, onde é narrado o passado de um anônimo sequestrado e levado para um estranho e desconhecido navio; e o dos leitores-personagens (Eric e Jen) que escrevem, nas margens do livro, uma história de amizade, mistério e investigação sobre quem é realmente V. M. Straka, qual sua real identidade, onde viveu, o que realmente escreveu e com quem se relacionou, além de deixar nestas margens suas interpretações sobre o livro, sobre os acontecimentos que estão dentro e fora da obra. É a decifração do mito do escritor impulsionado pelo tradutor que,

¹³ *S.* é o nome adotado pelo protagonista da história, um sujeito desmemoriado que, a todo momento, se depara com o símbolo *S* gravado e escrito em muitos lugares.

em notas de rodapé, dá algumas pistas (muitas criptografadas) para os dois leitores ficcionais - e outras tantas para o leitor empírico, advindas muitas vezes dos dois leitores ficcionais que já leram a obra.

Como já mencionei, para tornar o objeto livro ainda mais interessante, as páginas são repletas de comentários nas margens, como um mar, ou melhor, uma enseada, com uma grande faixa de areia que rodeia o texto, imensa em seus sentidos; em meio às folhas, há a inclusão de cartas, recortes, fotografias, postais e outros recursos materiais (Figura 4) que constituem a história de *S.*, fazem parte da conversa entre Eric e Jennifer (Figura 5) e ajudam o leitor a conhecer um pouco mais da misteriosa vida de Straka. De acordo com Brendon Wocke (2014), no artigo intitulado *The Analogue Technology of S: Exploring Narrative Form and the Encoded Mystery of the Margins*, os autores de *S.* realizam uma verdadeira “*love letter to the written Word*” (p.01),¹⁴ por sublinharem de maneira criativa a importância da palavra no papel, do suporte analógico, tátil, que ainda pode potencializar criatividade em um leitor ativo em sua leitura. Saliento a importância de ver o vídeo-chamado, de apenas três minutos, lançado pela Editora.¹⁵



Figura 4: Foto anexa na obra
Fonte: Elaboração própria da autora (2017)

¹⁴O sentido desta mesma frase foi mantido e está presente na apresentação da obra na edição brasileira: “*S.* é uma declaração de amor de Abrams e Dorst à palavra escrita”.

¹⁵O belíssimo vídeo, de apenas três minutos, da editora Intrínseca, apresenta o livro e foi disponibilizado na rede social *Facebook* no dia 8 de novembro de 2016. Ele contém mais de 1,6 mil “curtidas” e pode ser acessado no link: <<http://www.intrinseca.com.br/jjabrams/>>. Acesso em: 18 de dez. de 2016.

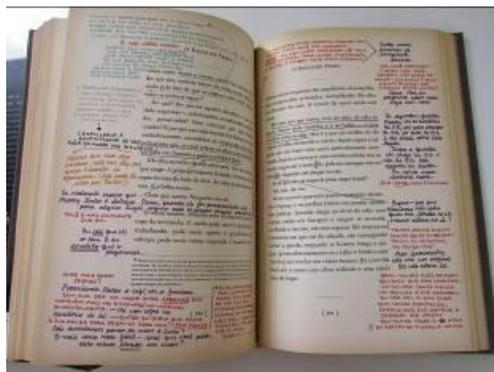


Figura 5: Comentários de Jen e Eric
Fonte: Elaboração própria da autora (2017)

Sobre a parceria entre idealizador e escritor, J.J Abrams é conhecido por dirigir e produzir diversas séries e filmes, dentre as mais conhecidas estão *Cloverfield*, *Star Trek*, *Lost* e o clássico *Star Wars: The force Awakens*, de 2015, este último realizado com alta tecnologia. Mundos de ficção científica, mistério, jogos lógicos e alta tecnologia aliados ao cinema, sempre foram marca registrada do norte americano idealizador do projeto *S*. Já Doug Dorst é romancista premiado, autor do conhecido *Alive in Necropolis* (2008), professor de escrita criativa na universidade do Texas, além de um nerd assumido, que ganhou por três vezes o prêmio de perguntas norte americano chamado *Jeopardy!*.

O que parece fundamental captar é o aspecto multimídia do escritor e do idealizador. Ambos são profissionais do meio artístico, atentos às inovações tecnológicas, mas que acharam necessário voltar à atenção ao suporte livro, ao leitor amante do papel, aos bibliófilos de plantão.

5 O Leitor-Navegante

No início desta viagem, situei a compreensão do termo leitor, suas potencialidades, seu papel enquanto coautor da obra e seu espaço no circuito literário. Aqui, ainda refletindo sobre o navegante, evidencio a homenagem dos autores para a figura do leitor empírico. *S* ilustra a vontade e ação de muitos leitores, a vontade de ter um livro com margens (de preferência grandes) para nelas escrever (com diversas cores e caligrafias) anotações, impressões e, além disso, compartilhar com outro leitor surpresas e dúvidas sobre o enredo, o autor, as emoções e a vida, tudo isso durante a leitura de um só livro.

Mais do que um leitor, há dois leitores ficcionais, dois leitores criados e guiados por uma voz fictícia, mas que parece não ser a mesma que narra ONDT. De papel, feitos somente de discurso, dois leitores dialogam com um terceiro leitor, o leitor de carne e osso, o leitor empírico.

5.1 O Grande Mar

O grande mar por onde o navio carregado de navegantes realiza suas rotas, diferentes devido à orientação e escolha de cada viajante, é pensado aqui em uma escala de país (Brasil) em uma pequena amostra (formada apenas por manifestações virtuais) relativa ao grupo de *Facebook* intitulado “S. O Navio de Teseu”. Este grupo reúne pessoas sem distinção de classe social, formação profissional, idade ou gênero e com um único elo de ligação: o livro *S.*, que foi, será, ou esta sendo lido.

Com moderação coletiva de quem entra no grupo (qualquer pessoa pode solicitar a entrada e adicionar outros integrantes), ele é descrito como um “grupo de estudos” que tem o intuito de “discutirmos sobre a obra *S.* De Doug Dorst e J. J. Abrams. Sobre este ambiente virtual, vale à pena pensar o ciberespaço enquanto uma extensão da vida “real”, pois ele também faz parte da mesma, sendo mais uma ferramenta de sociabilidade e comunicação. Ou seja, se muito se afirma sobre a individualização e o não compartilhamento de experiências, a internet, através de redes sociais como o *Facebook*, serve para desmitificar a tendência ao não compartilhamento de experiências que ultrapassam barreiras físicas e temporais. Assim pensa o teórico Rheingold (1998), para ele, as “[...] *Virtual communities are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace*” (RHEINGOLS, 1998). São relações de comunicação que também se estendem a outros meios de comunicação, como o *Instagram*, o *Twitter* e o *Whatsapp*.

6 Navegando: os sentimentos dos navegantes

O momento mais esperado desta viagem é aquele no qual há a identificação da tripulação a bordo e o desvendamento das emoções e dos diversos caminhos percorridos por

cada um dos navegantes que aceitou se aventurar. A escolha metodológica de, primeiramente, valorizar as emoções e os sentimentos, os efeitos de uma obra em seu receptor, já foi justificada durante este trabalho, porém, é importante reafirmar tal escolha. Nas palavras de Annie Rouxel

As pesquisas atuais em literatura e em antropologia cultural se interessam pelas emoções e pelos laços que elas tecem com a cognição. E é sobre a emoção e a inteligência que se constroem a relação estética e a literatura. Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade. Na abordagem didática da literatura enquanto arte, o campo das emoções é ainda pouco explorado e constitui inegavelmente uma via para pesquisas futuras (ROUXEL, 2013, p. 32).

Com tal convicção, irei analisar algumas impressões/recepções de leitores da obra *S.*, comprovando as diversas reações dos mesmos ao lerem (ou pretenderem ler) a obra. Dentre as reações, há a relativa ao quanto o suporte influenciou na “adoração” do livro e, além disso, um grande número de leitores que se planejam para lê-la e ainda não o fizeram, mas já demonstram muito interesse devido a propaganda da editora e aos comentários de outros leitores da obra.

O *post* do dia 8 de novembro de 2016, da editora Intrínseca, contém o vídeo oficial de divulgação (também presente no site da Editora e já mencionado neste trabalho) com a seguinte descrição: “*S.* é uma obra cheia de mistérios. Ao abrir o lacre, o leitor se depara com um exemplar do romance “O navio de Teseu” coberto pelas marcas do tempo e anotações nas margens. Escondidas entre suas páginas, cartas, [...] guardanapos e outros anexos escritos à mão” (s/p). Nota-se que aqui há uma valorização do aspecto material da obra, mais do que a valorização do enredo. A postagem contém o total de 44 mil visualizações, 1,6 mil “curti”, 327 compartilhamentos e 271 comentários¹⁶.

Sobre as reações dos leitores, sem mencionar as dúvidas relativas à leitura da obra (referente à segunda categoria analítica), apenas focando os sentimentos e sensações, selecionei dois grupos: grupo A, relativo aos leitores que já leram a obra ou estão lendo, e grupo B, referente aos leitores que querem ler. De uma amostra de 100 comentários (de 271),

¹⁶ Dados referentes ao dia 17/01/2017.

25 leitores são referentes a categoria A; o item B, conta com 72 futuros leitores da obra, que também expressaram uma reação positiva com a possibilidade em lê-la.

Dentre os pertencentes ao item A, cito expressões como: (1) “*Estou adorando*”, (2) “*Adorei ler esta obra*”, (3) “*Eu fiquei estasiada qdo vi o livro!!!! Qdo comecei a ler, nooosaaaa...tô em êxtase!! Super diferente!!!Nunca tinha visto um livro assim...geralmente são textos e páginas e sinopse S..demais esse livro...*”, (4) “*Eu tenho, meu filho comprou assim que saiu. Já levei muita gente a ler só de falar dele. Obra fantástica e rica em detalhes, e para vc ler tem que ler duas historias paralelas.*”, (5) “*Eu tenho!!!! 😊 É lindo gente! Dá vontade de emoldurar*”, (6) “*Um dos livros que mais amei ler esse ano! Fantástico!*”, (7) “*Já estou com o meu ❤️ #adorando!*”, (8) “*O projeto gráfico é maravilhoso!!*”, (9) “*Gente, amei ler este livro! Não achei bacana ler separadamente a história das anotações pq elas acontecem simultaneamente! São duas histórias sendo contadas, a do livro e o romance nas anotações, então é preciso atenção e carinho e uma leitura conjunta...*”, (10) “*xxx¹⁷, olha a apresentação da materialidade!*”¹⁸. Todas essas considerações afirmativas também são recorrentes no grupo de *Facebook* usado para a coleta de dados, manifestações como (1.1) “*Eu já não consigo ler qualquer frase por inteira que inclua "Começa na água" de uma forma normal...*”, (1.2) “*Terminei de ler esse livro único agora e estou embriagado por essa obra!!! [...]*” e (1.3) “*oi gente recebi o livro essa semana e estou amando [...]*”, demonstram de maneira pontual a emoção em relação à leitura da obra. Além da visível admiração e entusiasmo dos leitores, como podemos perceber em seus discursos, os leitores (considerando os que já leram e os que estão em processo de leitura) 3, 4, 5, 8, 9,10 e 1.2 afirmam a complexidade, o envolvimento e o encantamento, a lindeza e exuberância dos detalhes, do suporte, do projeto gráfico que ela tem. Como diz um leitor, pensa-se em “emoldurar” de tão bela.

Esta reação é o que Souza (1999) denomina de “impressionismo crítico do leitor”, já comentado anteriormente neste trabalho. Não são afirmações que demandem uma reflexão,

¹⁷ Para preservar o anonimato dos sujeitos, e dos indivíduos marcados nas publicações, utilizei “xxx”, substituindo os nomes.

¹⁸ Em absolutamente todos os comentários foi mantida a exata pontuação, sintaxe, ortografia e os “emoticons” usados pelos leitores na página da rede social. Estes últimos foram mantidos por acreditar que potencializam a expressão subjetiva dos leitores, e retirá-los do contexto discursivo acarretaria uma perda expressiva.

mas são impressões subjetivas, que ajudam a compreender a posição de *S.* na lista de vendas do ano de 2016, de acordo com a Editora. Na lista dos livros mais vendidos de 2016, *S.* está na posição de 14º, com 3.571 livros vendidos¹⁹. Tais impressões também estão relacionadas ao que Jauss (1979) chama de “experiência primária” quando relacionada ao “efeito estético” gerado na relação entre o texto e o leitor.

Quanto à capacidade de gerar expectativa (item B), a postagem da editora também mobilizou inúmeros comentários, principalmente de não-leitores da obra ou futuros leitores que se sentiram encantados com a possibilidade de leitura. De 100 comentários, 72 estão relacionados às expectativas positivas que a obra gerou. Respalhando os dados numéricos, cito exemplos discursivos: (1) “*Genteeee já quero!!!! Quando começa às vendas?*”, (2) “*Eu quero! Querido XXX, sintá-se à vontade para me surpreender. 😊*”, (3) “*Meu sonho de consumo!!!! Natal chegando esperanças renovadas*”, (4) “*xxx e xxx por favor. Requisito este lindo exemplar de presente. Admiram tamanha sensacionalidade*”, (5) “*Meu sonho de consumo do momento*”, (6) “*Já está à venda nas lojas físicas? Doida p esse livro!*”, (7) “*não esqueça do meu presente 😊*”, (8) “*Nossa...eu preciso mto*”, (9) “*xxx eu super aceito de presente! 🍷*”, (10) “*😱😱 eu querooo! 🍷🍷*”, (11) “*socorrooo 😱😱😱 olha esse livro!!!*”, (12) “*xxx, veja este livro que demais!*”, (13) “*xxx esse livro deve ser mt bom*”, dentre outras tantas.

6.2 Possibilidades: qual direção seguir?

Uma embarcação sempre tem uma rota a seguir para não perder o rumo, para não ancorar em águas desconhecidas e turbulentas, para enfim chegar à terra firme com todos os seus tripulantes. No vasto mar, há inúmeras rotas que podem ser escolhidas, pois não há estradas prontas como na terra, que devem ser seguidas de forma rigorosa em seus limites.

S. é como um mar, um grande mundo marinho a ser desbravado pelo leitor-navegante com seu barco, e que possui muitos caminhos que levam a diferentes portos. Quem guia o barco no mar é o leitor, e quem atira a garrafa contendo a mensagem para que o leitor escolha o seu caminho é a Editora Intrínseca:

¹⁹ Fonte disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2016/3/0>>. Acesso em: 15 de nov. 2016.

Aos leitores que encontrarem *S.*, enviamos uma mensagem: não há regras para a leitura. Aproveitem a experiência única e íntima de ler, ao mesmo tempo, um livro e as anotações deixadas por seus outros leitores, de encontrar documentos e cartas que foram trocados e de desvendar grandes mistérios. (INTRÍNSECA, 2016, s/p, site).

Foi essa mensagem, encontrada no grupo de *Facebook* mencionado, que me levou ainda mais a querer saber quais eram afinal os caminhos dos leitores brasileiros na leitura de *S.* Com tal afirmação, a Editora manifesta sua opinião e, de forma pontual, eleva a posição do leitor enquanto construtor da obra ao escolher seu caminho de leitura, desmitifica a obra fechada em seus sentidos e ressalta a subjetividade do leitor no processo da leitura.

A busca por caminhos seguros de leitura, ditos “certos”, como muitas vezes é ensinado quando há a leitura de uma obra literária, perde seu sentido quando nos deparamos com um livro como *S.* A constatação disso está nos comentários dos inúmeros leitores que, no grupo estudado, buscam auxílio para compreender como começar e seguir a leitura. Transcrevo agora alguns *posts* sobre esta questão crucial para este trabalho.

O leitor pergunta (1.1) “*Pessoal, to achando muito confusa a leitura. Tem uma ordem correta de ler? E os comentários? As vezes o assunto fica meio confuso como se eu lesse de maneira errada*”. Essa é a primeira postagem relacionada às maneiras “erradas” ou certas de ler o livro. Aqui fica explícito que concepções arraigadas de certo ou errado ainda persistem na prática da leitura, que o leitor foi educado a exercer separações dicotômicas, mesmo em atividades que possibilitam fugir das oposições limitantes. Além desta, outros leitores perguntam exatamente o mesmo: (1.2) “*Gente qual a melhor forma de ler o livro?*”, (1.3) “*Pessoas, tem uma ordem certa para ler as anotações?*”, (1.4) “*Olá, acabei de comprar S. e queria saber como leio, se ler primeiro o livro em si e depois só os diálogos? [...] Ah e esse livro é show*”, (1.5) “*Ah, o meu está pra chegar e vou confessar que estou temendo a leitura pelas várias facetas e conteúdos presente no livro. Tenho medo de não entender a trama ou não acompanhar os textos secundários ou decifrar as pistas. O que me recomendam? Obrigado!!!*” e (1.6) “*Boa tarde ! Gostaria de algumas dicas sobre qual a melhor maneira de ler o livro, (sei que a melhor maneira é pelo começo kkkk) se é ler o*

capítulo e depois voltar pra ler os comentários, ler o livro e os comentários juntos ou ler primeiro o livro todo pra depois ler os comentários.”

Estas são afirmações e perguntas que reafirmam a busca por uma linearidade no processo de leitura, uma ordem certa, “melhor”. Quando afirmo linearidade, refiro-me a uma linearidade da leitura²⁰ e não do enredo, pois sabemos que há inúmeros romances de enredo não-linear.

O leitor 1.6, que ainda não começou a ler o livro, solicita conselhos e ilustra em sua pergunta o sentimento de muitos leitores do grupo, uma sensação de instabilidade, de medo frente a um objeto novo, que desestabiliza o leitor ao tempo em que o maravilha.

No *post* principal da Editora na rede social *Facebook*, em que há a divulgação do livro, ocorre a mesma preocupação com relação à leitura da obra. A leitora 1.8 pergunta “*Qual a maneira certa de ler?*”, ao que a Editora responde com seu perfil “*Oi, xxx! Tudo certo? Não existe maneira certa de ler. Você pode escolher. Essa é a graça também! 😊*”. Novamente comprovamos a postura da editora em não limitar formas de leitura, de não indicar caminhos certos ou errados, deixando para o leitor decidir seu próprio caminho de interação com a obra. Outros comentários como (1.9) “*Tbm não entendi como se lê. Eh confuso.*”, (2.0) “*Achei difícil demais!!! Não consegui ler.*” e (2.1) “*O livro é lindo, mas ainda não encontrei uma maneira de ler.*”, afirmam o desconforto que a obra provoca pela necessidade de uma escolha, por fugir de uma fórmula pronta de modo de ler (linear). Ocorre um estranhamento que gera sentimentos de incerteza e confusão, desestabiliza o leitor retirando-o de seu lugar de conforto e o faz refletir ou desistir, como o leitor 2.0.

De acordo com Iser, nesta interação ocorre uma provocação do texto com relação ao leitor, pois deve haver um preenchimento de lacunas no decorrer da leitura, e a principal é o primeiro e contínuo desafio: a escolha, página por página, do que ler primeiro. Há uma *produtividade* advinda desta relação entre o texto e o leitor, o leitor torna-se de fato um coautor da obra quando faz a escolha de um caminho para a sua leitura, com idas e vindas para a escolha do melhor.

²⁰ Como exemplo de leitura não linear, cito também *Rayuela* (1963), de Júlio Cortázar, uma das obras mais conhecidas do *boom* latinoamericano. Obra original por problematizar o papel do leitor na leitura da obra e permitir ao menos duas formas de leitura, sendo uma delas não-linear.

Sem respostas às principais questões abordadas anteriormente (Qual a forma certa de ler? Como leio?), outros comentários contêm o mesmo teor de indecisão e estranhamento: (3.1) “*Não tem uma ordem. Eu li os dois juntos, mas vou ler novamente uma parte de cada vez. Vai de vc*”, (3.2) “*Já tem uns 3 meses que comprei o livro e ainda estou avaliando métodos kkkkkkkk*”, (3.3) “*Comecei lendo tudo mas não deu muito certo*”, (3.4) “*comprei o meu e ainda tento entende como poderei continuar pelas anotações ou o livro em si*”, (3.5) “*Tb ainda não encontrei uma maneira de ler. Já tentei mas fica tudo muito confuso ... ele é lindo graficamente mas do ponto de vista literário bastante complexo. Dá uma ajuda aí Intrínseca!!!!*”. Mais do que dar soluções, estas afirmações são auto-questionamentos dos próprios leitores, reafirmando a singularidade da obra e a constante reflexão dos leitores de S. para concluir a leitura.

Ao seguir a rota de uma leitura rumo ao Norte, temos os leitores que escolheram a tática de ler primeiramente todo o livro, no caso o enredo principal de S., e depois voltar e ler somente os comentários e anexos. É o caso dos seguintes leitores: (4.1) “*Estou no caminho ainda. mas vou ler o livro todo e dps voltar nos comentários. Se não funcionar faço por capítulos*”, (4.2) “*Começa lendo só o livro! Depois você volta para o começo e vai lendo as anotações e os respectivos anexos. Pelo menos foi o que eu fiz!*”. Este é o processo de leitura mais adotado dentre os leitores do grupo. Talvez o processo habitual de ler uma história de maneira linear, e depois ler “outra história” ou seu “complemento” (as anotações e “comentários” nas margens), faça com que o leitor não se perca (tanto) com os hiperlinks analógicos, pois ele pode seguir uma leitura “convencional” e depois “anexar” a história “paralela”. É o processo natural de leitura, de primeiro contato entre leitor e texto, primeiramente se procura compreender o que se está lendo, de maneira linear.

Os leitores mais aventureiros tentaram ler tudo ao mesmo tempo: enredo da história, comentários (enredo “secundário”), anotações e encartes. Tiveram de lidar com uma abundância de informações, com a junção de hiperlinks que requeriam uma atenção múltipla, bem como um grande esforço cognitivo. Os leitores que se aventuraram na leitura Leste, justificam sua leitura e aconselham outros leitores a escolher o mesmo caminho: (6.1) “*xxx, estou lendo tudo de uma vez, livro, comentários e anexos, sem pressa... acho q levarei mais*

de mês pra acabar... mas to gostando bastante”, (6.2) “Leia tudo de uma vez - Para o primeiro capítulo que leia tudo o que estava na página, começando com o texto do Navio de Teseu e que acompanha as notas de rodapé, em seguida, as notas escritas por Jen e Eric. Lendo o livro dessa maneira é como assistir um filme com comentários [...]”.

Se rumarmos ao Sul, começamos a bifurcar ainda mais a obra, pois este rumo diz respeito aos leitores que escolheram ler a história por capítulos. Primeiro ocorreu a leitura da história “principal” de ONDT, em capítulos, e as anotações referentes a este capítulo eram lidas logo na sequência. As justificativas para esta quebra na leitura, capítulo a capítulo intercalado com notas e comentários e pausa são as seguintes: (5.1) *“Eu estava tentando fazer por capítulos. [...] Achei melhor. Quando lê o livro todo e dps vai ler os comentários, muita coisa já caiu em esquecimento. Eu queria msm ler o livro inteiro e voltar lendo somente os comentários. Após esses processos, ler cap. e comentários juntos. Pena que não tenho tempo suficiente”, (5.2) “Eu tô lendo um capítulo de ONDT e o nº 1, depois vou ler as outras anotações cores diferentes”.*

A Oeste deste grande mar, ficaram as embarcações que se aventuraram e, por hora, não conseguiram terminar a viagem, seja porque não ocorreu prazer em ler, seja porque o estranhamento foi tanto e as dificuldades tão grandes que o navio resolveu abarcar sem chegar ao destino final. Também fazem parte desta direção Oeste os barcos que escolheram outras formas de leitura, mais individuais ou mesmo mais “livres”, vagas, sem um raciocínio metodológico prévio. Destaco alguns destes leitores: (6.1) *“Te entendo perfeitamente, é um livro que realmente intimida, comprei o meu, li a história, mas sinceramente travei nas anotações, como pra mim leitura tem que ser algo prazeroso, optei por doar meu livro para uma pessoa que quer muito mas não está podendo comprar no momento, espero que ela faça melhor uso do que eu! 😊”* e (6.2) *“[...]comece a ler o livro e vai lendo a medida que vc se sentir à vontade com a leitura, aos poucos vc vai se envolvendo com a trama e aí é vc que decide como fica melhor conduzi-la.”.*

É neste ponto que os conceitos trazidos por Leffa (1996), referentes ao processo de leitura, podem ser importantes para pensarmos a relação estabelecida entre os leitores de S. no encontro com a obra. Há, mais do que uma consciência da leitura, do que lê, o processo

metacognitivo e processual ficam explícitos em muitos comentários em que o leitor pensa sobre o próprio processo de leitura, suas próprias escolhas são relativizadas em “conversas” no grupo. Há uma reflexão que faz o leitor parar e recomeçar a leitura de outra maneira, portanto, é uma obra que pede uma contínua avaliação da leitura, atividade iniciada por uma dúvida.

7 Considerações Finais: um porto de chegada também é um porto de partida

Acredito que tenha conseguido registrar uma recepção que retrata um leitor visual e ainda apegado ao tátil, rápido em compreender e decifrar mistérios em um livro com hiperlinks analógicos, mas ao mesmo tempo inseguro porque traz resquícios de uma ordem dicotômica, moderna. Este leitor contemporâneo é capaz de se encantar com facilidade, ao mesmo tempo em que se desestabiliza quando colocado frente a um suporte desconhecido que requer escolhas constantes, a cada página ou capítulo. Acredito que pensar sobre esse leitor comum, plural, desafiado e mais que ativo, conformador de um processo de leitura metacognitiva, com um poder de reflexão altíssimo, que não deixa de lado o prazer da leitura, auxilia na compreensão da obra literária contemporânea, suas demandas e seus desafios formais, sua forma de provocar a sensibilidade humana. Como argumentei, *S.* desperta a curiosidade e desafia o leitor a pensar e a escolher, a participar da obra, principalmente por seu suporte diferenciado, despertando o leitor curioso e encantado que esta dentro de cada um de nós, nos tirando de nosso lugar de conforto. Por isso é uma obra singular, um verdadeiro presente.

Também pude compreender um pouco mais dos motivos pelos quais esta obra está sendo lida ou quer ser lida, quais as perguntas mais recorrentes, as impressões mais marcantes, o que pensa realmente o leitor comum, não especializado, e como o suporte cria desafios ainda maiores para um leitor acostumado a ler de forma linear. Ou seja, sem ignorar os aspectos subjetivos da recepção, dentro dos limites metodológicos deste trabalho, compreendi a ponta do iceberg referente ao grande trabalho que é mapear a recepção. Muitos caminhos ainda serão navegados, muitos navios sairão para mares ainda mais turbulentos e frutíferos

para que possamos, através do estudo do outro e da arte, compreender um pouco mais a sensibilidade do sujeito contemporâneo.

Abstract: The present work looks for a reception of the literary work *S.* (2015), of J.J. Abrams and Doug Dorst, materialized in diverse ways of reading and created by readers. The hypothesis that permeates the whole argument is that the work destabilizes the reader accustomed to a linear reading, so we question which are the reading paths created by the readers. For a reception of such a singular work in its support, was prioritized the reported experience of some readers in a Facebook group created to comment that work, as well as blog posts. The analysis of the selected data of the virtual environment occurred with an established relation between concepts from thinkers like Jauss, Iser, Souza, Lois, Zilberman, among others. Prioritizing the subjective aspects of reception, within the methodological limits of this work, one can find a bit more about the empirical reader, how a work is read and for what motivations it has generated strangeness or destabilized the reader.

Keywords: Reader. Reading. Book-holder.

Referências bibliográficas

ABRAMS, J. J- DORST. Doug. *S.* Editora Intrínseca, São Paulo, 2015.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

FIALHO, Luise Cristine Spieweck. **Design comunica: o projeto gráfico nos livros da Cosac Naify.** 2016. Monografia (trabalho de conclusão de curso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Porto Alegre, 2016.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1 e v.2.

JAUSS, Hans Robert. **O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis.** In: LIMA, Luis (org.). *A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 1996.

RHEINGOLD, H. R. (1998). **The Virtual Community.** Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 12 de dez. 2016.

ROUXEL, A. **Aspectos metodológicos do ensino de Literatura**. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.) *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOUZA, R. A. **Teoria da Literatura**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

WOCK, Brendon, **The Analogue Technology of S: Exploring the Margins of Narrative Form, Tecnologia, immaginazione e forme del narrare**, Ed. L. Esposito, E. Piga, A. Ruggiero, *Between*, Vol. IV.8. (2014). Disponível em <<http://www.betweenjournal.it>> . Acesso em: 5 de nov. 2016.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.